

AS IGREJAS CRISTÃS HISTÓRICAS E A VARIEDADE DE EXPRESSÕES RELIGIOSAS

Fernando Bastos de Ávila
Centro João XXIII (RJ)

* Desejo consignar aqui a expressão de minha gratidão a meu irmão de Ordem, Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz, S.J., pelas preciosas sugestões com que me ajudou na elaboração deste texto.

Resumo: As Igrejas cristãs históricas e a variedade de expressões religiosas. Neste artigo o A. parte de uma elucidação dos termos que constituem o tema central da reflexão, em seguida situa esse tema no grande cenário do mundo de hoje, com os desafios que esta situação levanta e, finalmente, procura explicitar as respostas e atitudes pastorais que eles exigem.

Summary: The established Christian churches and the diversity of religions. The author begins by elucidating the meaning of the terms which are relevant to the theme developed in this study. He then situates the thematic content in a wider context of our time taking into account the challenges to be met. Finally he seeks to explicitate the response and indicate those attitudes which are most effective in the pastoral work.

I. Os termos

Os termos que polarizam o tema central são, por um lado, as Igrejas cristãs históricas e, por outro, as expressões religiosas, na sua grande variedade no mundo contemporâneo.

1. As Igrejas cristãs

As Igrejas cristãs são as ramificações históricas do cristianismo, que se apresenta com três características originais.

A primeira é a datação rigorosamente histórica da sua origem: o fato do Cristo e sua leitura pela fé expressa no Novo Testamento.

A segunda é a normatividade do cristianismo original. Ele não era concebido apenas como uma mera profissão de fé, mas também como uma norma de vida em coerência com a mesma fé. O cristianismo foi sempre vigilante em preservar a fé e os bons costumes. A normatividade cristã era confiada à tradição, entendida como o próprio *ethos* do povo cristão sob a tutela de seus Pastores, tanto na Igreja Católica, através do magistério ordinário do Primado Romano, como na Igreja Ortodoxa. A crise protestante manteve a idéia original da normatividade da fé, mas de certo modo a debilitou na singularidade dispersiva das Igrejas evangélicas. O livre exame foi de fato uma força corrosiva da exigência normativa do cristianismo.

A terceira característica é a relação original entre cristianismo e cultura, relação marcada pelo empenho permanente de inculturação, ou seja, de impregnar com os valores cristãos as culturas com as quais se ia defrontando na sua expansão: o judaísmo, o helenismo, a cultura imperial de Roma, a abertura aos chamados bárbaros ("passons aux barbares", como disse Frédéric Ozanam), por ocasião da ruptura com Bizâncio, a consolidação da cultura medieval, o afrontamento com a chamada modernidade. O empenho inculturador obrigou a Igreja a constantes movimentos por um lado, de *ressourcement*, de volta às suas fontes para preservar a sua identidade apostólica e evangélica e, por outro, de *aggiornamento*, para responder aos novos desafios levantados pela evolução cultural da qual ela mesma era fermento.

As Igrejas protestantes evoluíram do protestantismo liberal do século XIX à Teologia Evangélica do século XX, com Barth, Tillich, Bultmann, principalmente.

As igrejas ortodoxas tentaram uma acomodação penosa com os regimes marxistas e entraram na hibernação que hoje parece anunciar uma primavera.

2. As expressões religiosas

As expressões religiosas do mundo de hoje, na sua variedade, caracterizam o que podemos chamar de a grande diáspora re-

ligiosa do mundo contemporâneo. Nela, mesmo com um certo risco de simplificação, podemos distinguir as religiões tradicionais propriamente ditas e a sua imensa fragmentação sectária.

O catolicismo, apesar de suas tensões internas e variedade de ritos, o romano, os orientais, mantém sua unidade e coesão institucional. O protestantismo se dividiu nas ramificações das Igrejas evangélicas: luterana, anglicana, presbiteriana, episcopaliana, batista, metodista... O islamismo sofre a ruptura entre xiitas e sunitas e entra num violento processo de politização e expansionismo. O judaísmo também se divide entre judeus ortodoxos e liberais. Os primeiros, com forte estruturação política, revelam uma radical intransigência na realização de seu ideal sionista. Os segundos, mais abertos à modernidade, mostram-se mais flexíveis na busca de soluções negociadas para os terríveis conflitos do Oriente Médio. As grandes religiões tradicionais do Oriente, especialmente o budismo, também sofrem o impacto da modernidade. Em suas regiões de origem, lutam pela preservação dos cultos e ritos tradicionais e dão testemunho dos valores contemplativos e de um austero ascetismo. Já registram considerável penetração no Ocidente pela divulgação de processos de terapêutica espiritual.

Entretanto, as expressões religiosas contemporâneas têm sua expressão mais ruidosa no que podemos chamar explosão das seitas. Elas se originam da iniciativa de líderes audaciosos que se atribuem um poder carismático e exercem uma forte influência sobre a religiosidade popular. O fenômeno adquire particular gravidade no seu impacto sobre a América Latina. Um documento reservado preparado pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) denominado "Amanecer", sem pretender atribuir ao fenômeno uma origem conspiratória, registra contudo a surpreendente convergência de seitas e a rapidez de sua expansão no continente latino-americano. Tal expansão seria mera coincidência não planejada exatamente no continente que representa hoje o maior *continuum* católico do mundo e no qual, segundo projeções confiáveis, até o fim do século e do milênio estariam concentrados mais de 50% dos católicos do mundo inteiro?

As seitas ostentam características intimamente interligadas que as diferenciam, de modo bastante claro, das grandes correntes religiosas tradicionais. A primeira característica é a alienação social. Não manifestam o menor empenho em denunciar as imensas injustiças sociais que oprimem as populações mais carentes e não desenvolvem nenhuma atuação para as reformas urgentes e radicais. Para elas, parece que vale o princípio do

quanto pior, melhor: quanto piores as condições sociais do povo, tanto melhores as oportunidades de proselitismo das seitas, que podem assim desenvolver um assistencialismo ostensivo destinado a minorar os efeitos dos males sociais, mas não erradicá-los as causas. Uma segunda característica é o fanatismo de radicalismo religioso intolerante e intransigente, que explora precisamente a ignorância, os baixos níveis educacionais, a falta de senso crítico das populações mais humildes. Este fanatismo é exacerbado pelo recurso ao que se pode chamar de um ilusionismo parapsicológico, que constitui uma terceira característica das seitas. Em suas sessões, não faltam casos de pessoas que se apresentam como portadoras das mais variadas enfermidades físicas ou psíquicas, que são logo curadas pelos ritos, orações e exorcismos do líder carismático ou do pastor que preside à sessão. Toda esta atividade, porém, não é gratuita. Os crentes são insistentemente exortados a depositar seu óbolo para as obras da seita. Aqui se encontra a quarta característica, ou seja, a capacidade impressionante de arrecadação de recursos monetários. As seitas enriqueceram com o "óbolo das viúvas"! E enriqueceram a tal ponto que hoje já podem controlar os meios mais modernos de comunicação de massa: canais de televisão, cadeias de rádio, promoção de gigantescas concentrações em grandes estádios, onde são usadas as técnicas audiovisuais mais sofisticadas.

Entre as seitas de maior expansão, ao menos na América Latina, contam-se: a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Quadrangular, a Seita Moon, as Testemunhas de Jeová, as Assembléias de Deus.

3. O aspecto quantitativo

São múltiplas as tentativas de avaliação quantitativa que apresentam, porém, variações que vão até a centenas de milhões.

Não me detenho assim com maior insistência nesse aspecto quantitativo do nosso tema. As metodologias para o *approach* deste aspecto são conhecidas: os instrumentos estatístico-censitários, os critérios geográficos, as compilações de estudos monográficos. É importante, porém, levar em conta as seguintes considerações relativas a tais metodologias, aliás não excludentes, mas complementares.

Os instrumentos estatístico-censitários são deficientes e não suficientemente confiáveis. Deficientes porque, em muitos países, os recenseamentos não incluem quesitos sobre crenças religiosas, pelo fato de as considerarem uma questão de foro íntimo

cuja indagação violaria de certo modo a liberdade de consciência. Nos países que ainda conservam o quesito, as respostas não são confiáveis porque, em geral, ou se reduzem a meras declarações no sentido de uma convicção religiosa ou, especialmente no caso das seitas, as respostas visam transformar-se num instrumento de proselitismo para impressionar a opinião pública, sem levar em conta as nuances sutis das mais variadas formas de sincretismo religioso. No Brasil, por exemplo, as seitas apregoam atingir agora mais de 30 milhões de adeptos sobre uma população de 145 milhões. Contudo, muitíssimos destes adeptos não vêem o menor impedimento em continuar a participar das práticas religiosas das religiões cristãs.

O critério geográfico permite apenas traçar um grande mapeamento com as diversas colorações religiosas. O Ocidente seria predominantemente cristão, com um certo equilíbrio entre o catolicismo e a soma total das múltiplas denominações religiosas protestantes e evangélicas. O Oriente é ocupado pelas grandes denominações religiosas do budismo, xintoísmo, confucionismo e a imensa variedade de seitas orientais. O islamismo transcende as fronteiras geográficas entre o Oriente e Ocidente. Tem sua presença na Índia, nas Repúblicas Islâmicas da URSS, nos países do chamado Oriente Médio e avança sobre o Ocidente através dos países meridionais da bacia mediterrânea, com profundas penetrações na África sub-saariana. O judaísmo, por sua vez, concentrado mais densamente em Israel, vive, em sua grande maioria, na diáspora dividida entre hasquenazes e sefarditas. O critério geográfico, entretanto, permite detectar três aspectos que reduzem de modo significativo sua confiabilidade avaliativa. O primeiro é o fenômeno das infiltrações das presenças minoritárias. O cristianismo, por exemplo, está presente no Oriente em comunidades aliás bem-estruturadas, na Índia, na China, no Japão, na Coreia, em Formosa, na Indonésia, e tantos outros países. O segundo aspecto é a hibernação. Foi o caso, por exemplo, do cristianismo ortodoxo dominado durante tantas décadas pela opressão dos regimes totalitários marxistas, e que hoje explode numa imprevisível primavera, cujo símbolo mais impactante foi o Cristo crucificado desfilando diante do Kremlin. É o caso também das religiões africanas na América Latina, em particular no Brasil. Ocultadas pela imposição de uma catequese compulsória, hoje se ostentam livremente em suas ruidosas manifestações de sincretismo religioso. Enfim, o terceiro aspecto não menos importante, é o hiato entre a mera declaração formal religiosa e a total ausência de convicções religiosas provocadas pela difusão do agnosticismo religioso, que devasta as grandes religiões históricas tradicionais tanto no Ocidente quanto no Oriente.

O levantamento dos estudos monográficos, pela sua mesma imensa dispersão, não cabe nos limites desta reflexão. Resalto apenas, nas indicações bibliográficas, os estudos mais abrangentes¹.

1. Paul Poupard (org.), *Dictionnaire des Religions*, 2ª ed., Paris, PUF, 1985. Com relação ao Ocidente, o atual estudo de DESPLAND, M., *La religion en Occidente: évolution des idées et du vécu*, Paris, Ed. Cerf, 1979.

II. O cenário

O confronto das Igrejas cristãs históricas com a grande variedade de expressões religiosas se processa no grande cenário contemporâneo, no qual há dois aspectos fundamentais indissociáveis a serem analisados: a crise da modernidade e o retorno do sagrado.

1. A crise da modernidade

Sem maiores pretensões históricas, submeto à reflexão dos leitores a tese do cristianismo como instaurador da modernidade.

1.1. As origens da modernidade

Tornou-se corrente a idéia segundo a qual o início da modernidade coincide com o esgotamento da influência cultural da Igreja, que não resiste à ruptura protestante, ao cientificismo experimentalista inaugurado por Bacon, Galileu, Descartes, ao laicismo inspirado em Hobbes, Rousseau, Voltaire, os enciclopedistas, a Ilustração.

A Igreja, presa à sua tradição e à ilusão de ainda tutelar a cultura — como o *Index*, por exemplo — tornara-se arcaica ante a modernidade triunfante.

Proponho-me examinar o tema sob um enfoque diferente. A evangelização inaugura a modernidade, ou, a modernidade tem início com a evangelização: evangelho aliás é o anúncio da grande notícia, da grande novidade.

Explico-me. Antes do Evangelho, a cultura se caracterizava por uma compenetração, confusão (fundidos juntamente) do sagrado e do profano. Os deuses se confundiam com o céu, os astros (Vênus, Marte, Júpiter...) com o mar, as fontes, a terra. A sociedade se estratificava em estamentos divididos pelo critério da distância com o sagrado: o imperador, *imperator*, divinizado e as diversas classes em órbitas mais ou menos próximas do

sol imperial, as ordens sacerdotais e militares, os cidadãos constituíam uma minoria cercada pelo "vulgus profanum" ("Odi-vi profanum vulgus et horreo", Horácio) e pela multidão de escravos.

Tudo isto é o arcaico. O Evangelho inaugura a modernidade. Deus é o absoluto Transcendente, que se faz imanente ao mundo e à história pela presença pessoal do Verbo. A natureza é assim dessacralizada, expurgada dos ídolos e entregue na sua realidade incontaminada e intacta à liberdade e à inteligência criativa do homem. Os estamentos sociais perdem sua identificação pela referência ao Poder imperial e idolatrado. Todos são iguais perante Deus. Criados por Ele à sua imagem e semelhança, se organizam segundo forças históricas sob um mandamento novo: "Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei". Porque em todos, sem nenhuma discriminação, estava viva a imagem de Deus, o amor é, não um apelo romântico, mas a nova força civilizatória compro-metida só com o bem comum, o bem comum a todos, o querer o bem de todos.

Tudo isso é a modernidade. Ela inaugurava as novas relações: do homem com Deus; do homem com a natureza e dos homens entre si.

Entre o homem e Deus. O Deus Transcendente, criador, Senhor da vida e da morte, da própria existência do mundo. O Deus imanente redentor do homem — *Redemptor hominis*, que na sua vida, morte e ressurreição revela ao homem o mistério do homem e vivifica o homem de uma vida nova pela presença em cada homem de seu Espírito pela graça divina que clama em todos: "Abba, Pater".

Entre o homem e a natureza. Dessacralizada, entregue ao homem, o homem a assume, segundo o princípio antrópico, como o ser no qual a natureza chega à consciência de si mesma. E o homem inaugura o esforço de pesquisa e dominação para pô-la a seu serviço. Esforço gigantesco que foi a força do progresso humano até as espantosas realizações atuais da ciência e da tecnologia. Sem o cristianismo, sem a evangelização, o homem estaria ainda oferecendo preces e sacrifícios a Vulcano, em vez de simplesmente fabricar pára-raios.

Entre o homem e seus semelhantes. A igualdade essencial de todos os homens sem discriminações de raça, língua, cultura, é a força histórica do processo civilizatório que vem chegando hoje a formas mais dignas de convivência humana nas democracias cada vez mais participativas, com a erosão do poder hegemônico do dinheiro no capitalismo e a implosão dos totalita-

rismos autocráticos do fascismo, do nazismo e do comunismo no Leste Europeu.

Este processo de modernidade inaugurado pela evangelização não se realizou sem obstáculos e sem avanços e recuos. Toda a história dos dois milênios que se encerram em breve é a história destes avanços e recuos, mas sempre sinalizando numa direção ascendente. Hoje podemos com mais clareza observar que todos os recuos ou quedas foram devidos a novas formas de idolatria sempre emergentes. Os deuses expulsos pela evangelização voltam camuflados em ídolos: os bezerros de ouro, os narcisos, os ídolos dos fanatismos populistas e fundamentalistas. São os ídolos do egoísmo, do dinheiro, do permissivismo e do poder, que se camuflaram sob as formas mais variadas, com as retóricas mais incendiárias, com as doutrinas e teorias mais sofisticadas, como no marxismo e no liberalismo.

Devemos confessar que entre as causas de recuo houve também causas provocadas pela própria Igreja, cujo apego à tradição reagia quase instintivamente ante as novidades emergentes.

Isto permite compreender a grandeza e importância do maior documento conciliar: a *Gaudium et spes*, isto é, a alegria e esperança da Igreja ante o mundo moderno. É neste documento que se recupera a idéia da força inovadora do Evangelho.

1.2. A crise da modernidade

Na perspectiva acima descrita, chegamos à conclusão seguinte: o momento cultural, no qual se pretendia identificar o início da modernidade, foi de fato o início do processo de perversão da modernidade inaugurada pelo cristianismo. Tal processo tem sua origem num evento cultural cuja gravidade não mereceu ainda a devida atenção. Refiro-me ao fato da ruptura entre a norma moral e a vida, cuja íntima relação foi identificada acima como a segunda característica da novidade do cristianismo. Aliás, não se trata na realidade de uma característica exclusiva do cristianismo. Todas as grandes religiões históricas ditavam normas do comportamento humano em vista da realização do sentido mesmo da vida. As prescrições normativas podiam variar de uma religião para outra, mas o que parecia inconcebível era a ruptura entre norma e vida. Os valores éticos em que se fundavam a vivência e a convivência humana foram abalados e substituídos pelos valores da eficiência, a eficácia, o sucesso, o lucro a serviço da maximização do prazer. É o grande mergulho no subjetivismo, na imanência, que criou a ilusão de que naquele

momento se instaurava a verdadeira modernidade: "Les dieux étant morts, l'homme était libre" (Marguerite de Yourcenar). Na realidade, sob o signo do hedonismo, uma espécie de deficiência imunológica adquirida, uma "AIDS" cultural, contamina e infecta a sociedade com aquela ruptura entre moralidade e vida.

A modernidade inaugurada pelo Evangelho criara novas relações, como acima se notou, entre o homem e Deus, entre o homem e a natureza, e entre o homem e seus semelhantes, seus irmãos. Era a modernidade portadora, digamos em termos informáticos, de um *software* programado para a vida plena do homem: "Eu vim para que os homens tenham a vida e a tenham em abundância" (Jo 10,10). A pseudomodernidade instaurada pela ruptura entre moral e vida, ao contrário, revelou-se portadora de um *software* programado de certo modo para a morte. Ela corta as relações do homem com Deus. Deus está morto e Nietzsche se encarregaria de passar-lhe o atestado de óbito. As relações do homem com a natureza se fundam numa audácia prometética, a qual hoje assusta o mundo pela extensão de suas devastações no meio ambiente. As relações dos homens entre si se motivaram nas diversas formas de egoísmos individuais, familiares, corporativos e nacionais. Os resultados dessas novas relações foram: os desenfreios mecanismos da concorrência do liberalismo capitalista, criando os contrastes da injustiça da riqueza de alguns à custa da pobreza das multidões já denunciados pela *Rerum novarum*, cujo primeiro centenário a Igreja celebra neste ano; os terríveis processos de repressão da liberdade nos regimes totalitários de direita e de esquerda e a consequência, já em nosso século, de duas tremendas guerras mundiais com o holocausto de dezenas de milhões de vítimas inocentes.

A crise da modernidade consiste, assim, no impacto sobre as estruturas mentais e sociais provocado pela própria aceleração do processo científico e tecnológico inaugurado e propulsionado pela pseudomodernidade imanentista e hedonista. A ela se refere a *Gaudium et spes*: "A mudança de mentalidade e de estruturas sociais põe em questão freqüentemente os valores recebidos particularmente junto dos jovens... Na verdade, as instituições, as leis, os modos de pensar e agir legados pelos antepassados não parecem sempre bem adaptados ao estado atual das coisas. Vem daí uma perturbação grave no comportamento e nas normas de conduta" (n. 7). "... não é de admirar que o homem, sentindo sua responsabilidade no progresso da cultura, alimente uma esperança maior, mas ao mesmo tempo contemple de alma angustiada as inúmeras antinomias existentes que ele próprio deve resolver: ...como se deve favorecer o dinamismo e a expansão de uma nova cultura, sem que pereça a fidelidade viva com a

herança das tradições. Isto urge particularmente onde a cultura, que se origina de um progresso enorme das ciências e da técnica, deve harmonizar-se com aquela civilização que se alimenta dos valores clássicos, seguindo as diversas tradições" (n. 56).

A *Gaudium et spes*, certamente a mais rica das constituições apostólicas do Concílio Vaticano II, focaliza aqui a característica fundamental da cultura científico-tecnológica do mundo de hoje: seu impacto devastador sobre as culturas tradicionais que ela vai atropelando em sua expansão planetária. Antes dessa expansão, inúmeras culturas tradicionais conviviam sem pretensões hegemônicas. A cultura científica e tecnológica invadiu os espaços destas culturas, não só requisitando delas matérias-primas e mão-de-obra barata, como principalmente impondo-lhes novos padrões de comportamento e de consumo. Ela é a responsável pela transformação do mundo contemporâneo numa imensa sociedade de consumo, divulgando a impostura segundo a qual o sentido último da vida é consumir sempre maiores quantidades de bens e de serviços, sempre mais sofisticados. É este impacto que caracteriza a chamada crise da modernidade.

1.3. A volta por cima

Importa entretanto aqui lembrar que já Pio XII chamara a atenção para o dinamismo da cultura científico-tecnológica, alertando a todos para sua ambivalência e para a necessidade de um sério discernimento. O Papa reconhece as enormes potencialidades do progresso técnico, para criar um mundo no qual as carências crescentes da humanidade sejam melhor atendidas: "A técnica, de fato, conduz o homem hodierno a uma perfeição nunca antes atingida no domínio do mundo material. A máquina moderna permite um modo de produção que substitui e multiplica a energia humana do trabalho. Este liberta-se inteiramente da contribuição das forças orgânicas e assegura um máximo de potencial extensivo e intensivo, e ao mesmo tempo um máximo de precisão. Abraçando com um olhar os resultados dessa evolução, parece-nos colher da própria natureza o assentimento satisfeito a tudo quanto o homem nela operou e o incitamento a que proceda ulteriormente na investigação e utilização de suas extraordinárias possibilidades." (...) "É deste modo considerada a técnica, quem a poderá desaprovar ou condenar?" (*Il popolo*, Radiomensagem de Natal de 1953, 6).

Entretanto, não lhes passam despercebidos os perigos do "espírito técnico", do tecnicismo que animava aquele progresso: "No entanto parece inegável que a mesma técnica, levada em

nosso século ao apogeu do esplendor e do rendimento, transforma-se por circunstâncias de fato em grave perigo espiritual. Diríamos que dá ao homem moderno, inclinado diante do seu altar, um sentido de auto-suficiência e de satisfação plena das suas aspirações de conhecimento e de poder sem limites. Com o seu múltiplo emprego, a absoluta confiança que suscita, as inexauríveis possibilidades que promete, a técnica moderna desenvolve, em torno do homem contemporâneo, visão tão vasta que leva muitos a confundi-lo com o próprio infinito. Atribui-se-lhe por consequência, uma autonomia impossível, que por sua vez se transforma, no pensar de alguns, em errada concepção da vida e do mundo, que se designa com o nome de 'espírito técnico'. Mas este, em que consiste exatamente? Em se considerar, como o mais alto valor do homem e da vida, tirar o maior proveito das forças e dos elementos da natureza; em se colocarem como fim, de preferência a todas as outras atividades humanas os possíveis métodos técnicos de produção mecânica, vendo neles a perfeição da cultura e da felicidade terrena" (ibid., 7).

E denuncia o erro fundamental do tecnicismo: "Há antes de tudo um erro fundamental nesta falseada visão do mundo originada pelo 'espírito técnico'. O panorama à primeira vista sem limites que a técnica desvela aos olhos do homem moderno, por mais amplo que seja, não passa entretanto de uma projeção parcial da vida sobre a realidade, visto exprimir apenas as relações desta com a matéria. É assim um panorama alucinante, que vem afinal a encerrar o homem — demasiado crédulo na imensidade e onipotência da técnica — numa prisão vasta, mas limitada e, portanto, com o tempo insuportável ao seu genuíno espírito. O olhar, bem longe de abrir-se para a realidade infinita, que não é só matéria, sentir-se-á oprimido pelas barreiras que esta necessariamente lhe opõe. Daqui a rencôndita angústia do homem contemporâneo, tornado cego por se ter voluntariamente circundado de trevas" (ibid., 8).

Esse alerta de Pio XII teve ressonância na consciência cristã, nas grandes encíclicas sociais e nas constituições apostólicas do Concílio Vaticano II. É nesse contexto que se devem analisar as estratégias de sobrevivência das grandes religiões tradicionais, ante a crise da modernidade.

Como notávamos antes, o islamismo reagiu procurando incentivar um fanatismo político pan-islâmico que atingiu seu paroxismo sob a liderança do aiatolá Khomeini. As religiões orientais se fecharam na preservação de seus ritos e cultos e conseguiram se difundir mesmo no Ocidente através da atuação de

gurus e de movimentos nos quais muitas vezes o elemento religioso se camufla ou mesmo se dilui em técnicas terapêuticas. Foi o catolicismo e também o cristianismo protestante, sob a influência do Conselho Mundial das Igrejas, que procederam a um discernimento da crise da modernidade, para acolher a seus elementos positivos e para denunciar os seus riscos. Fixando a atenção na Igreja Católica, observamos que ela reage à presente crise, como sempre reagiu às crises anteriores que teve de enfrentar. É o que deixa bem claro a *Gaudium et spes*: "A experiência dos séculos passados, o progresso das ciências, os tesouros escondidos nas várias formas da cultura humana, pelos quais a natureza do próprio homem se manifesta mais plenamente e se abrem novos caminhos para a verdade, são úteis também à Igreja. Ela própria, com efeito, desde o início de sua história, aprendeu a exprimir a mensagem de Cristo através dos conceitos e linguagens dos diversos povos e, além disso, tentou ilustrá-la com a sabedoria dos filósofos, com o fim de adaptar o Evangelho enquanto possível, à capacidade de todos e às exigências dos sábios. Esta maneira apropriada de proclamar a palavra revelada deve permanecer como lei de toda a evangelização. Deste modo estimula-se em todas as nações a possibilidade de exprimirem a seu modo a mensagem de Cristo e promove-se ao mesmo tempo um intercâmbio vivo entre a Igreja e as diversas culturas dos povos. Para aumentar este intercâmbio, sobretudo em nossos tempos, nos quais as coisas se mudam tão rapidamente e variam muito os modos de pensar, a Igreja precisa do auxílio de modo peculiar daqueles que, crentes ou não-crentes, vivendo no mundo, conhecem bem os vários sistemas e disciplinas e entendem a sua mentalidade profunda. Compete a todo Povo de Deus, principalmente aos pastores e teólogos, com o auxílio do Espírito Santo, auscultar, discernir e interpretar as várias linguagens do nosso tempo, e julgá-las à luz da palavra divina, para que a Verdade revelada possa ser percebida sempre mais profundamente, melhor entendida e proposta de modo mais adequado" (n. 44). De modo mais explícito, a mesma constituição apostólica *Gaudium et spes* refere-se às novas possibilidades criadas pela atual crise da modernidade: "Modificaram-se profundamente as condições de vida do homem moderno, do ponto de vista social e cultural, de tal modo que é lícito falar de uma idade nova da história humana. Por isso abrem-se novos caminhos para o aperfeiçoamento e a difusão mais ampla da cultura. O crescimento considerável das ciências naturais, humanas e também sociais, o desenvolvimento da técnica e o progresso no aperfeiçoamento e uso adequado dos meios de comunicação entre os homens prepararam estes caminhos. Por isso a cultura de hoje é assinalada por características particulares. As

ciências chamadas exatas desenvolvem notavelmente o juízo crítico. Os recentes estudos psicológicos explicam mais profundamente a atividade humana. As disciplinas históricas contribuem muito para que a realidade seja observada sob o seu aspecto de mudança e evolução. Os hábitos e costumes de vida tornam-se cada dia mais uniformes. A industrialização, a urbanização e outras causas que promovem a vida comunitária, criam novas formas de cultura (cultura de massa) das quais surgem maneiras novas de sentir, de agir e de utilizar o tempo livre. Ao mesmo tempo, o crescente intercâmbio entre as várias nações e grupos sociais abrem mais largamente os tesouros das diversas formas de cultura a todos e a cada um e assim prepara-se aos poucos um tipo de civilização mais universal que tanto mais promove e exprime a unidade do gênero humano quanto melhor respeita as particularidades das diversas culturas" (n. 54).

É esta atitude diante da crise moderna que estou considerando e denominando como uma volta por cima. Não pretender um confronto inútil com dinamismos irreversíveis, como o processo de informatização da sociedade, os progressos da biotecnologia e tantos outros, mas inserir neles os valores evangélicos, para colaborar na mais plena realização do homem e da comunidade das nações e do mundo. É esta a atitude que deve inspirar nossa atuação pastoral, cultural e pedagógica.

Dr. Ottoni de Aguiar

Dr. Ottoni de Aguiar

2. Retorno ao sagrado

Dr. Ottoni de Aguiar

O retorno ao sagrado é um segundo aspecto do cenário no qual se situa a temática que estamos examinando.

A humanidade começa a se dar conta das trágicas conseqüências que a ameaçam, provocadas pela ruptura entre a norma e a vida. Essa ruptura abriu caminho para o materialismo hedonista, cujo único sentido é a busca do poder e do prestígio em vista da maximização do prazer. Hoje, cresce a consciência de que, nestas condições, torna-se extremamente difícil uma convivência humana digna. Foi altíssimo o preço pago à insensatez hedonista. O permissivismo corrompe a juventude, destrói os laços da família, que constituem o próprio tecido social; o narcotráfico já atinge até a adolescência, a violência impune, todas as formas de opressões, o terrorismo criam um ambiente de medo e de pavor; os egoísmos corporativos perdem qualquer referência às exigências do bem comum; as grandes nações afluentes não percebem que estão contribuindo para criar no mundo a situação de um imenso *apartheid* social confinando nele a multidão imensa de pobres e famintos.

Todas essas circunstâncias levaram o homem a experimentar uma sensação de vazio, de vácuo interior, na qual começou a surgir o que podemos chamar de uma nostalgia de um bem maior perdido. O homem era feliz e não sabia. Agora, começa a pressentir que esse bem perdido era sua referência ao sagrado. O homem sente hoje uma nostalgia do sagrado. Como reagem ante este fenômeno novo as Igrejas cristãs e as expressões religiosas contemporâneas?

2.1. As Igrejas cristãs

Entre as Igrejas cristãs concentro minha atenção na reação da Igreja Católica. Como vimos, diversamente de outras religiões históricas, ela se abriu ao mundo moderno com alegria e esperança — *Gaudium et spes*. Mas não foi esta sua primeira reação. Ante a modernidade secularizada e o modernismo, sua primeira reação foi precisamente buscar refúgio no sagrado. Cultivou uma espiritualidade intimista e devocional que hoje é um tanto menosprezada, mas que na realidade produziu admiráveis frutos de santidade e de vitalidade espiritual. Foram fundadas numerosas Congregações Religiosas especialmente femininas. Missionários foram enviados a todo o mundo e nos continentes mais pobres da Ásia, da África, da América Latina, desenvolveram um extraordinário trabalho de evangelização, de catequese e de educação, criando em muitos países uma extensa rede de obras assistenciais e de estabelecimentos de ensino. Foi nestes estabelecimentos, por exemplo, que se formou grande parte das lideranças que assumiram postos de responsabilidade por ocasião da descolonização. Foram criados inúmeros movimentos leigos, que, num mundo secularizado deram um corajoso testemunho de fé: as Conferências de São Vicente de Paula, Apostolado da Oração, as Congregações Marianas, a Caritas Internacional e mais tarde, os Cursilhos de Cristandade e muitos outros. Aliás, foram os movimentos leigos que ofereceram o contingente de recrutamento no qual Pio XI foi buscar os quadros para a formação da Ação Católica e suas diversas ramificações especializadas.

Sou levado a crer que não se tenha dado ainda a devida atenção à importância decisiva dessa iniciativa de Pio XI. A Ação Católica foi de fato o elo de articulação entre a espiritualidade devocional e a espiritualidade militante inserida nos contextos culturais e sociais mais diversos, com o movimento litúrgico, a espiritualidade do trabalho, a mobilização da juventude. Pela Ação Católica, a busca de refúgio no Sagrado se transformou no anúncio do Sagrado Cristão ao mundo secularizado.

Ocorre aqui, entretanto, uma observação importante relativa à América Latina. Neste continente, que em 1992 celebrará os 500 anos do início de sua evangelização, a verdade é que o povo, especialmente o povo mais humilde, conservou sempre a sua referência ao Sagrado Cristão. Não obstante as diversas formas de sincretismo, em particular, com as tradições afro-americanas (umbanda, candomblé, vudu...) o povo não perdeu aquela referência ao Sagrado Cristão, fruto de uma evangelização heróica, na qual tiveram papel destacado as Ordens Religiosas. Nas grandes calamidades que assolam o continente, inundações, secas, terremotos, o povo humilde, que tudo perdeu, sempre se reporta à Virgem Mãe, e por sua intercessão a Jesus e ao Pai do Céu. Foi esta fidelidade ao Sagrado Cristão que permitiu o surgimento desta fecunda forma de presença da Igreja, que são as Comunidades Eclesiais de Base.

Assim, a reação da Igreja Católica àquela nostalgia do Sagrado parece consistir na percepção clara de que chegou o grande momento evangelizador, de anunciar ao mundo que só o Sagrado Cristão pode responder plenamente àquela nostalgia. Creio que essa percepção constitui o próprio cerne do sentido mais profundo da ação pastoral, diria mesmo, do projeto pontifício de João Paulo II: *Pontifex*, aquele que faz a ponte entre o Sagrado Cristão e a cultura moderna.

2.2. As expressões religiosas contemporâneas

Outra é a reação àquela nostalgia do sagrado por parte das seitas que proliferam no mundo contemporâneo, especialmente na América Latina. Elas exploram a nostalgia do sagrado como um elemento de sedução². Sedução, no sentido etimológico de "seducere", é atrair para fora do caminho. O povo latino-americano atravessa uma fase aguda de "insatisfação, vazio, desencanto", sob o peso das frustrações que oprimem e das privações que suporta nas precárias condições dos indicadores sociais básicos, tais como alimentação, saúde, educação, habitação. Nesta situação, é vítima de grande fragilidade emocional, "terreno fértil para a sedução, que pode vir como sedução do Sagrado, o qual arranca da repugnante monotonia da realidade". A busca de uma nova experiência religiosa se torna assim um alibi para fugir da impiedosa miséria do cotidiano. Às Igrejas cristãs, infelizmente, cabe uma certa responsabilidade nesta exploração do Sagrado. "Nossas Igrejas, com seu aparato institucional, sua hierarquia solidamente estruturada, seu bem preciso código de ética (e de Direito Canônico) parece que per-

2. Reporto-me aqui à análise de Maria Clara Luchetti Bingemer, "A sedução das seitas". A autora, com doutorado em Teologia, é professora na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

3. Na análise desse tema,

deram (ou reduziram) sua capacidade de atração..." "Talvez o crescimento das seitas seja um alerta para nós, cristãos das Igrejas históricas e tradicionais, católicos e protestantes". A Igreja Católica se fechara em uma imutabilidade litúrgica durante quase quatro séculos. A uniformidade ritual não deixou de gerar benefícios. Em qualquer parte do mundo, os sacerdotes podiam usar os mesmos textos e os fiéis de todos os países assistiam às mesmas cerimônias. Entretanto, experimentava-se um sentimento crescente de frustração pelas dificuldades de participação na vida litúrgica verbalizada numa língua canônica inacessível à grande maioria do povo de Deus. Já Pio XII cautelosamente admite as traduções vernáculas e a Constituição Apostólica do Vaticano II, *Sacrosanctum Concilium*, abre-se a uma reforma litúrgica que estimularia a mais intensa participação dos fiéis nas celebrações comunitárias. Chega a ser emocionante, nas pequenas comunidades de base dispersas em áreas rurais, compostas em grande parte de analfabetos, ouvir a leitura dos textos litúrgicos pela jovem professora local e ver a expressão de quase êxtase dos participantes, compreendendo que Deus lhes fala pessoalmente a eles. A reforma litúrgica foi uma renovação de Pentecostes. A vivacidade participativa pode ter levado a alguns exageros, que receberam logo os devidos reparos das autoridades competentes. Registre-se, porém, o fato de que houve também exageros pelo outro lado. Refiro-me a movimentos do reacionarismo litúrgico que insistem em manter rigorosamente os textos e rubricas do Missal Romano de São Pio V. Refiro-me especialmente a um certo preciosismo e essencialismo litúrgico acessível somente a uma elite católica e que banuiu do culto manifestações e expressões devocionais que falavam muito à religiosidade popular.

A exploração do sagrado pelas seitas se apropriou destas manifestações devocionais. Tal apropriação foi um dos importantes artifícios usados pelas seitas para o aliciamento de muitos fiéis e para o rápido crescimento das mesmas seitas, especialmente as Assembléias de Deus, a Igreja Universal do Reino de Deus e os movimentos pentecostais de origem protestante.

A exploração do sagrado pelas seitas valeu-se também de outros recursos que agilizaram sua expansão. Relevo de modo especial a rapidez da formação, quase de improvisação, na preparação de seus líderes comunitários, bem como a habilidade na ocupação de lugares de culto muito simples e populares. Em poucos meses, munidos de escassos rudimentos bíblicos e de muita loquacidade, são preparados os pregadores para seu proselitismo nas cidades e nos campos, enquanto a formação de um sacerdote católico dura em média uns seis anos. Por outro lado,

enquanto construímos sólidos edifícios, igrejas, seminários, conventos, catedrais, eles se contentam, começar para, com tendas cobertas de lona, com terreiros, espaços de chão sem pavimento, protegidos com folhas de palmeira e galhos agrestes e um microfone. Não estou propriamente insinuando nenhuma crítica às instituições eclesiais. Estou fazendo apenas um respeitoso alerta. A idade da eletrônica e da informática oferece à Igreja outros meios mais poderosos de presença no mundo do que a idade do cimento armado.

Volta à Igreja e ao mundo

III. Respostas pastorais

No cenário acima descrito, procuramos examinar os desafios que a crise da modernidade apresenta e os riscos de ambigüidade ocultos na busca de um retorno ao sagrado, riscos que ameaçam as Igrejas cristãs históricas.

É meu intento, nessa parte final, referir-me às respostas pastorais que aquele cenário e aqueles riscos reclamam.

Concentro também aqui minha atenção sobre a Igreja Católica, porque creio ser o enfoque que corresponde a nosso maior interesse³.

Pode-se dizer que, pela primeira vez na história, vivemos em uma civilização com dimensões universais. Não é por mera coincidência que ela se desenvolve a partir de um contexto cultural cristão. O cristianismo, com efeito, é a religião portadora de um projeto de salvação também com destinação universal: "Ide, pois, de todas as nações fazei discípulos... Quanto a mim, eis que estou convosco todos os dias até o fim dos tempos" (Mt 28,19-20).

Do cenário em que situamos nosso tema, resulta que a chamada modernidade, ou a que considero a perversão prometéica da modernidade inaugurada pelo Evangelho, se revela como uma civilização sem ética e uma civilização sem religião⁴. Marcel Gauchet considera o cristianismo, matriz desta civilização, como "la religion de la sortie de la religion"⁵. Uma civilização que produziu os mais fantásticos recursos para ampliar o uso e os espaços da liberdade, ao mesmo tempo que provocou um eclipse total das razões do uso da liberdade. Uma civilização que sabe sempre mais como fazer as coisas e não sabe mais por que fazer as coisas. Por outro lado, o próprio movimento nostálgico de retorno ao sagrado não está imune "aux pièges" de inúmeras seduções extravagantes.

atoucho-me aos parâmetros doutrinais definidos pela Constituição Apostólica: *Nostra aetate*. Em todas as referências às Igrejas cristãs não-católicas, inspiro-me no Decreto *Unitatis redintegratio*.

4. Retorno aqui as reflexões

extraordinariamente lúcidas de LIMA VAZ, H. C. de, "Ética e civilização", *Síntese Nova Fase*, 49 (1990):5-14. A este pensador devo preciosas sugestões que me inspiraram neste trabalho.

5. GAUCHET, M., *Le désenchantement du monde*, Paris, Gallimard, 1985.

6. O anúncio da novidade

Neste contexto, ocorrem-me as seguintes sugestões como respostas pastorais aos desafios descritos, respostas pastorais, atitudes, ou estratégias a serem assumidas pelas religiões cristãs históricas, conquanto eu tenha em vista diretamente a Igreja Católica.

1. Superar a ilusão sistêmica

Os grandes sistemas turvaram, com suas ideologias, o horizonte cultural cristão. As ideologias foram e, de certo modo, continuam a ser a névoa obscura que impedem a irradiação da luz iluminadora dos caminhos da humanidade. Falando em sistemas, refiro-me especificamente, com a *Sollicitudo rei socialis*, ao liberalismo capitalista e ao marxismo coletivista, ambos incompatíveis com a tradição da doutrina social da Igreja. Durante muito tempo iludimo-nos com a esperança de que o funcionamento adequado de um sistema social abriria à humanidade os caminhos de uma prosperidade feliz e definitiva. Essa ilusão nos dividiu e nos dilacerou e esse dilaceramento foi muito mais doloroso precisamente na América Latina. Uma corrente de pensamento, mesmo reconhecendo a miséria imerecida de milhões e, em escala mundial, de bilhões de pobres, acomodava-se com a idéia de que era o preço a pagar para o funcionamento das leis econômicas inexoráveis do mercado, as únicas que paulatinamente poderiam levar a condições sociais satisfatórias. Contra essa corrente, insurgia-se outra segundo a qual a situação já chegara a limites intoleráveis, situação cuja reversão só seria possível mediante um processo insurrecional inclusive com a violência cruenta. As análises marxistas pareciam assim as que melhor explicitavam as aspirações e as opções dessa segunda corrente. Com as melhores intenções, uma reflexão teológica empenhou-se na tarefa de elaborar a proposta de uma incorporação da análise marxista ao pensamento cristão formulada como uma Teologia da Libertação. Tal tentativa recebeu as conhecidas advertências da Comissão Pontifícia de Doutrina da Fé.

Infelizmente nenhuma das duas correntes teve a necessária lucidez para perceber a impostura das propostas dos sistemas. Fechados no economicismo e no materialismo, segundo os termos da *Laborem exercens*, tais propostas se esgotavam na pretensão de garantir indefinidamente a satisfação de demandas sempre crescentes e sempre mais exacerbadas por um consumismo insaciável. Hoje, se percebe com mais clareza a impostura demagógica dessas propostas.

A ilusão sistêmica, de fato, reduziu as opções a um dilema simplista: ou liberalismo ou marxismo. Não se levou na devida

conta a lição de Paulo VI, na *Octogesima adveniens*, de deixar às comunidades nacionais a responsabilidade pela opção entre os inúmeros modelos possíveis de organização da sociedade para conciliar as exigências da justiça e da liberdade. Hoje assistimos aos resultados deste simplismo alternativo. O liberalismo capitalista evolui para formas mais flexíveis de democracias sociais, com as leis de mercado socialmente dirigido. Enquanto isso, os países do Leste Europeu, que mais duramente resistiam a quaisquer mudanças, passam por um processo de implosão com desfechos absolutamente impensáveis no ano passado e imprevisíveis no ano que vem.

Registro o fato de que esses desfechos provocaram um profundo “desarroi” nos movimentos ligados à Teologia da Libertação, cujos mentores se retraem para um sério exame de auto-crítica.

2. Não sucumbir ao reducionismo humanista

A humanidade sente que corre o risco da grande alienação. Tal alienação vai muito além da denúncia marxista, segundo a qual o capitalismo espolia o homem do fruto de seu trabalho. A grande alienação consiste no risco que ameaça a humanidade inteira: tudo o que ela criou como cultura, com a destinação de permitir que o homem seja mais homem, começa a se alienar do homem, começa a escapar do controle do homem e a ameaçar sua própria sobrevivência. A advertência não é minha, mas de João Paulo II em sua primeira encíclica, *Redemptor hominis*: “O homem de hoje parece estar sempre ameaçado por aquilo mesmo que produz; ou seja, pelo resultado do trabalho das suas mãos e, ainda mais, pelo resultado do trabalho da sua inteligência e das tendências da sua vontade. Os frutos desta multiforme atividade do homem, com muita rapidez e de modo muitas vezes imprevisível, passam a ser, não tanto objeto de ‘alienação’ no sentido de que são simplesmente tirados àquele que os produz, quanto, ao menos parcialmente e num círculo conseqüente e indireto dos seus efeitos, tais frutos se voltam contra o próprio homem. Eles passam então, de fato, a ser dirigidos, ou podem ser dirigidos contra o homem.

E nisto assim parece consistir o capítulo principal do drama da existência humana contemporânea na sua mais ampla e universal dimensão. O homem, portanto, cada vez mais vive com medo. Ele teme que os seus produtos, naturalmente não todos e não na maior parte, mas alguns e precisamente aqueles que encerram uma especial porção de sua genialidade e da sua iniciativa,

possam ser voltados de maneira radical contra si mesmo: teme que eles possam tornar-se meios e instrumentos de uma inimaginável autodestruição, perante a qual todos os cataclismas e as catástrofes da história, que nós conhecemos, parecem ficar a perder de vista" (n. 15).

Um projeto cultural confinado na imanência, sem referência ao Transcendente, empolgou o homem desde o início da crise da modernidade. Hoje por muitos é anunciado como a alternativa para uma era pós-cristã. Entretanto, chocam-se com o fato evidente da persistência do fenômeno religioso nas grandes correntes das tradições confessionais tanto no Ocidente como no Oriente. É neste confronto entre modernidade e tradição que se insinua a idéia cada vez mais difundida de uma espécie de ecumenismo cultural fundado num humanismo secular. Trata-se de um apelo a uma grande convergência de forças em defesa dos valores comuns que respondem às aspirações de todos os homens: a paz, a justiça, a liberdade, enfim, a felicidade na terra. Para tanto, se requer que as motivações religiosas sobre as quais cada um fundamenta esses valores constituam uma questão de foro íntimo, segundo a diversidade dos contextos culturais. Só assim seria possível realizar aqueles valores e diminuir ou eliminar as tensões que dividem a humanidade.

É neste contexto que se pode compreender a tentação do reducionismo humanista. O cristianismo e nele a Igreja Católica são convidados a participar e mesmo a liderar o movimento em defesa e na promoção daqueles valores comuns, sob a condição, porém, de confinar suas crenças ao foro íntimo e a renunciar à pregação de sua mensagem. O cristianismo se reduziria à mera condição de um humanismo com certo conteúdo social, e se integraria a um humanismo secular, como pré-requisito de participação na modernidade.

A esta tentação a Igreja Católica não pode sucumbir. Consciente de sua responsabilidade como herdeira da tradição apostólica, ela jamais poderá renunciar a sua missão evangelizadora. Deverá aceitar a diversidade das culturas num constante e respeitoso esforço de inculturação, de impregná-las com as verdades e valores cujo testemunho Cristo lhe confiou. Jamais, porém, poderá aceitar a redução de sua mensagem transcendente a um mero humanismo imanente e secular.

3. Aceitar a convivência pluralista

O que foi dito acima nos introduz ao exame desta terceira resposta ou atitude pastoral.

A Igreja Católica, ao menos desde o Vaticano II, tem consciência de que não vive mais no chamado regime de cristandade, no qual ela se constituíra árbitro da cultura, da política, da civilização. Tal regime recebera um forte abalo com a crise protestante e não resistiu ao impacto da crise da modernidade. A *Gaudium et spes* reconhece e define claramente os termos da "autonomia das realidades terrestres".

A Igreja deve não só adaptar-se a esta convivência pluralista como conscientizar-se dos novos desafios pastorais que ela levanta e das novas possibilidades que ela oferece.

A aceitação desta convivência implica, para a própria sobrevivência institucional da Igreja, em primeiro lugar, na decisão de anunciar e testemunhar o cristianismo na sua radical originalidade como uma resposta às indagações mais profundas do homem que vive nesta cultura científico-tecnológica de hoje⁶.

O desafio fundamental levantado pelo pluralismo à evangelização está centrado no problema antropológico. O que, em última análise, está em jogo, quando se discute o pluralismo, é a visão, o sentido do homem, é a indagação de uma antropologia capaz de posicionar corretamente o homem ante as pressões geradas pela cultura por ele mesmo criada para ser mais homem.

Hoje, a instantaneidade dos meios de comunicação, o imenso acervo de informações acumuladas e disponíveis a um mero gesto digital, revelaram à consciência cristã a existência de culturas de uma tradição milenar, de origens mais remotas mesmo que as da civilização ocidental, culturas que elaboraram sua própria antropologia, que têm determinada concepção do homem e de suas relações com a natureza e com a transcendência.

O pluralismo contemporâneo introjetou no espaço cultural cristão as ressonâncias das mensagens de todas estas culturas.

O cristianismo enfrenta, deste modo, um desafio inédito para sua missão evangelizadora. A Igreja de hoje deve evangelizar a cultura de hoje.

Para o desempenho desta missão, a conjuntura oferece uma oportunidade que a Igreja não pode perder. Se o problema do pluralismo é o problema antropológico, pode-se dizer que o presente momento cultural se caracteriza por uma crítica radical das certezas transmitidas e das condutas programadas. É um momento em que se formula com absoluta clareza a indagação sobre o sentido do homem. Não se trata mais de uma indagação vaga, teórica, abstrata. Trata-se da expressão de uma angústia inadiável em termos concretos: no espaço pluralista em que

vivemos, bombardeado de mensagens, qual a certeza, qual a fé que fornecerá luz e força ao homem para que ele se posicione com a maior dignidade ante o que a vida tem de mais lindo e de mais dramático: ante a beleza do amor e o mistério da morte?

O amor é dom, a morte é esperança. É este o lance do cristianismo no leilão pluralista contemporâneo. Quem dá mais?

A convivência pluralista implica, em segundo lugar, como acima lembrava, no compromisso inculturador: impregnar — de pregnância — a cultura e hoje com as certezas e os valores autenticamente evangélicos. Ora, tal cultura se, por um lado, criou potencialidades ameaçadoras, por outro também oferece possibilidades fantásticas para o anúncio da mensagem. Ela introduziu-nos na era da eletrônica e da informática que dá à Igreja acesso a meios de comunicação de um poder de difusão impensável poucas décadas atrás. No passado a Igreja revelou um excelente desempenho na utilização dos meios de comunicação disponíveis para a defesa e propagação da fé. Foi ela aliás, que inventou o termo propaganda, criando o dicastério romano "De propaganda fide". Estou fazendo alusão ao renascimento clássico que coincidia com a descoberta da imprensa, a qual por vários séculos haveria de constituir o grande meio de comunicação de massa. A Igreja soube formar notáveis helenistas e latinistas e produzir textos da melhor qualidade clássica e marcou assim sua presença na cultura do Renascimento. Hoje, no campo específico da catequese, a Igreja procura renovar-se preparando textos muito criativos para comunicar sua mensagem. Entretanto, como acima aludia, já entramos na idade da eletrônica e da informática. As novas gerações, cada vez mais rapidamente, se iniciam na utilização de computadores sempre mais acessíveis em termos de custos. Receio que textos catequéticos pouco interesse despertarão nas gerações nascidas na era do computador. Receio o risco de um colapso em nossa ação catequética, se não chegarmos a dominar a linguagem da informática, através da preparação de programas, de *softwares* inteligentes que atraiam a curiosidade e o interesse das gerações que agora emergem para a vida e para a cultura.

Conclusão

Penso que estas respostas e atitudes pastorais se alinham ao projeto pontifício de João Paulo II, como acima observei. Em momentos de turbulência e de tempestade, as ovelhas acorrem ao Pastor; não é o momento de extravagâncias. Isto limita certa

espontaneidade criativa, mas não é incompatível com a redescoberta da beleza da celebração cristã em sua experiência de louvor, de cântico, de festa, tão própria da religiosidade popular. É uma exigência de uma conjuntura civilizatória difícil. Uma civilização se funda sobre um *ethos* comum, um modo de vida, um tecido de costumes e vivências, material que, assumido pela reflexão racional, permite a formulação de uma ética. O drama de nossa civilização ocidental, protendida sobre a universalidade do desígnio de salvação cristã, consiste precisamente na dificuldade de situar-se sob o signo de uma ética comum; dificuldade tanto maior quanto nossa civilização sofre uma grave erosão dos valores que deveriam fundamentar uma convivência humana digna.

A ênfase que o Santo Padre João Paulo II vem dando ao problema da cultura, tanto em seus pronunciamentos, como em sua iniciativa de criar o Conselho Pontifício para a Cultura, parece alertar a consciência cristã para o fato de que é no nível da cultura que a missão evangelizadora da Igreja se defronta hoje com os mais graves desafios. A insistência pontifícia tem que ter uma explicação. Ela parece traduzir uma íntima angústia.

É sobre o subsolo da cultura que se erguem as estruturas mentais e sociais da convivência humana. Quando fortes abalos sísmicos sacodem este subsolo, aquelas estruturas estão ameaçadas de desmoronar. O sismógrafo de um coração sensível ao destino do homem, dedicado a preservar sua dignidade inalienável, parece pressentir esses abalos. Os grandes desafios deslizam assim do campo social para o subsolo cultural. É aí que se decide o destino do homem moderno.

Não está perdida a esperança. Depois da tempestade, o sol voltará a brilhar e permitirá reviver a experiência cristã da reconstrução da unidade perdida; de realizar o mandato do infinito amor de Cristo: "Um só rebanho e um só pastor" (Jo 10, 16).

É nesta linha ecumênica que se haverá de decidir o confronto entre as Igrejas cristãs históricas e a grande variedade de expressões religiosas do mundo contemporâneo.

Endereço do autor:
R. Bambina, 115
22251 — Rio de Janeiro — RJ